

INATISMO DE CONCEITOS, EVOLUCIONISMO E TEÍSMO

*Bruno Henrique Uchôa**

RESUMO

A teoria dos conceitos vem ganhando cada vez mais representatividade na filosofia analítica contemporânea. Jerry Fodor defende a tese bem polêmica de que os conceitos são inatos ao homem. Fiona Cowie afirma que o inatismo é uma noção confusa e que foi defendida de várias maneiras durante a história da filosofia. Críticos como Hilary Putnam acreditam que o inatismo de conceitos é absurdo quando confrontado com a teoria da evolução darwiniana, já que, segundo ele, as duas teorias são incompatíveis e devemos preferir a segunda. Pretendo mostrar que existem mais duas opções além da apresentada por Putnam. Além de rejeitar o caminho tomado por Putnam, também rejeito outra opção que tenta reconciliar o inatismo de conceitos com a teoria darwiniana. Pretendo sustentar uma terceira opção, na qual o inatismo de conceitos é mais plausível que a teoria darwiniana, e que, além disso, o inatismo de conceitos é compatível com o teísmo bíblico.

PALAVRAS-CHAVE

Inatismo de conceitos; Linguagem; Noam Chomsky; Jerry Fodor; Evolucionismo e teísmo.

INTRODUÇÃO

O inatismo é uma teoria antiga e persistente na filosofia. Podemos recuar aos trabalhos de Platão para avistá-la em seu nascedouro. Ela voltou a ser fortemente defendida por filósofos dos séculos 17 e 18 como Descartes, Leibniz e Espinosa. Mais recentemente, foi defendida tanto por Noam Chomsky, quanto

* O autor é bacharel em teologia, mestre em filosofia pela Universidade Federal da Paraíba e doutorando em filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. É membro da Primeira Igreja Presbiteriana de Paulo Afonso, Bahia.

por Jerry Fodor. Alguns entendem que o inatismo de cada um dos autores supracitados é um tanto diferente. Platão, por exemplo, defendia uma espécie de ideias eternas como ponto de partida do conhecimento; a filosofia de Descartes iniciava com a dúvida; a de Leibniz com seu sistema de mônadas, e a de Espinosa com seu *Deus sive natura*, ou seja, ele cria que Deus era idêntico à natureza. Para algumas pessoas, como Fiona Cowie, estas divergências são substanciais e dificultam um entendimento geral do que venha a ser a posição inatista. Mas, como Fodor afirma, parece que as ideias de Chomsky não soariam estranhas a Platão e isto, somado a outros fatores, parece fazer com que tal crítica seja, até certo ponto, exagerada.

Estou aqui, no entanto, mais interessado em argumentar não sobre a teoria inatista geral, mas sim sobre a forma de inatismo de conceitos defendida por Jerry Fodor. Não seria loucura dizer que a teoria dos conceitos foi uma das primeiras preocupações da filosofia grega. Os diálogos platônicos são exemplos claros de como se procedia na busca pelos conceitos. De uma forma geral, na maioria desses diálogos estava em jogo a disputa do significado de um termo e, assim, toda conversação se direcionava a buscar o conceito do termo em questão. Neste artigo, depois de mostrar que o inatismo de conceitos de Fodor provém do inatismo linguístico de Chomsky, proporei apresentar tal teoria em seus dois momentos. No primeiro, em que Fodor defende uma forma radical de inatismo de conceitos, e no segundo, em que ele revê alguns pontos de sua antiga posição. A forma mais radical é mais instigante e controversa entre filósofos da mente e psicólogos; sendo assim, é a que vai ganhar minha atenção para os propósitos da discussão.

Em seguida, irei deter-me na relação entre o evolucionismo e o inatismo de conceitos de Fodor. Pretendo mostrar que na literatura se sobressaem duas estratégias para tratar essa relação. A primeira é amistosa e a segunda de modo nenhum o é. Na primeira estratégia, o inatismo de conceitos e o evolucionismo podem conviver pacificamente. A segunda estratégia adota o ponto de vista de que eles são incompatíveis e, por isso, devemos ficar com a posição mais sólida, que, para os defensores dessa estratégia, como Hilary Putnam, é o evolucionismo.

Meu argumento é o de tentar evitar as duas estratégias. Criticarei a primeira baseado no argumento de Alvin Plantinga contra o naturalismo evolucionário, que afirma ser filosoficamente irracional aceitar o evolucionismo. Se isto for verdade, então, parece ser irracional sustentar uma relação amistosa entre o inatismo de conceitos e o evolucionismo. Contra a segunda posição, sustentarei que mesmo que tal objeção seja coerente, a saber, que o inatismo de conceitos e o evolucionismo sejam incompatíveis, a conclusão de que temos que abandonar o inatismo de conceitos é um *non sequitur*, já que podemos optar por abandonar o evolucionismo e abraçarmos, por exemplo, o teísmo bíblico. Isto implica que, se conseguirmos mostrar que o evolucionismo não é uma

teoria tão sólida quanto se apregoa, podemos formular uma terceira estratégia que aceita o inatismo de conceitos e rejeita o evolucionismo, dando margem para a também aceitação do teísmo.

1. INATISMO DE CONCEITOS

1.1 *O inatismo da linguagem antecipado por Chomsky*

Noam Chomsky notou quão maravilhosa é a capacidade humana de se expressar pela linguagem. O fato é que mesmo em meio a uma pobreza de estímulos obtidos do ambiente circundante, os infantes acabam dominando as complexas informações da linguagem natural. Jerry Fodor enfatiza este mesmo ponto na teoria de Chomsky:

O problema central da aquisição da linguagem surge da pobreza do “*dado linguístico primário*” a partir do qual a criança efetua essa construção; e a solução proposta do problema é que grande parte do conhecimento de que a competência linguística depende é avaliável para a criança *a priori*.¹

A pobreza dos estímulos ambientais não faz jus ao aprendizado das linguagens humanas, pois elas são estruturalmente complexas. A criança recebe pouca informação do seu ambiente cultural se comparamos com as intrincadas informações da linguagem que ela desenvolve. Mas se não é o ambiente externo que pode explicar a aquisição de uma linguagem, o que a explica deve ser interno, ou inato, ao homem. A conclusão de Chomsky, a partir de tais dados, é que o conhecimento inato favorece o processo de aquisição da linguagem. Esta conclusão deixou muitos filósofos e linguistas atônitos. Como ressalta Piaget:

A mistura tão interessante de geneticismo e de cartesianismo que caracteriza Chomsky leva-o a defender uma opinião inesperada em um linguista contemporâneo e que liga as “ideias inatas” de Descartes à hereditariedade.²

Chomsky acredita que o inatismo é a razão pela qual as linguagens humanas não são significativamente diferentes e, também, a razão porque golfinhos e chimpanzés não conseguem aprendê-las. Diferente do empirismo que prega que o ambiente cultural nos fornece a linguagem, Chomsky acredita que já nascemos com todas as estruturas gramaticais da linguagem, o que explica porque os animais não desenvolvem linguagem, mesmo vivendo em

¹ FODOR, Jerry A. *The Mind Doesn't Work That Way: The Scope and Limits of Computational Psychology*. Cambridge, MA: MIT Press, 2001, p. 11. Minha tradução. “The central problem of language acquisition arises from the poverty of the ‘primary linguistic *data*’ from which the child effects this construction; and the proposed solution of the problem is that much of the knowledge that linguistic competence depends on is available to the child *a priori*”.

² PIAGET, Jean. *O estruturalismo*. 3ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1979, p. 46.

um ambiente cercado por seres humanos. Seu inatismo é uma tese sobre o conhecimento, sendo diferente, por exemplo, de teorias psicológicas que são sobre os processos cognitivos. Por outro lado, Fiona Cowie afirma que “um entendimento geral do inatismo é difícil de ser obtido”.³ Fodor parece não acreditar muito nisto. Como ele afirma:

As ideias de Chomsky sobre inatismo teriam sido inteligíveis a Platão; e elas teriam sido inteligíveis em muitos termos do debate atual. Isto porque o inatismo de Chomsky é primariamente uma tese sobre conhecimento e crença; ela alinha problemas da teoria da linguagem com estes da teoria do conhecimento... Quando Platão pergunta ao escravo se ele conhece geometria e em que lugar do mundo ele a teria aprendido, é na verdade a mesma questão que Chomsky pergunta sobre de que maneira falantes/ouvintes conhecem sobre sua linguagem e em que lugar do mundo eles a teriam aprendido. Não há, eu penso, nenhuma ambiguidade nos termos-chaves.⁴

A crítica de que é difícil obter um entendimento geral do inatismo soa estranha. Ela não implica, por exemplo, que o inatismo seja uma posição falha apenas porque diferentes inatistas sustentam diferentes causas para o inatismo. O próprio empirismo, ao qual Cowie é simpática, é defendido de diferentes formas por diferentes autores. Assim, não são tais divergências que militam contra uma teoria (praticamente qualquer teoria é sustentada de diferentes formas por diferentes defensores), mas o problema está com o cerne de tal teoria. Deste modo, eu primeiro deveria perguntar o que as diferentes posições inatistas ou empiristas têm, respectivamente, em comum para serem enquadradas cada uma em seu grupo (as teorias inatistas em seu grupo correspondente e as teorias empiristas em outro). É contra este cerne que se deve argumentar para refutar a respectiva posição. Do contrário, refutaríamos apenas o inatismo de *X* ou o empirismo de *Y*. Assim, pode-se dizer que autores como Platão, Descartes, Leibniz, Espinosa, Chomsky e Fodor têm em comum o fato de afirmarem que o *conhecimento* é inato. Eles divergem é na explicação de *como* se dá este conhecimento inato (Platão fala de ideias eternas; Leibniz de um sistema de mônadas; Espinosa de seu *Deus sive natura*) ou *onde* ele se aplica (Chomsky o aplica à gramática e Fodor aos conceitos). Veja, por exemplo, como Chomsky

³ COWIE, Fiona. *What's Within? Nativism Reconsidered*. New York: Oxford University Press, 1999, p. 3. Minha tradução. “A general understanding of nativism is hard to come by”.

⁴ FODOR, *The Mind Doesn't Work That Way*, p. 11. Minha tradução. “Chomsky’s ideas about innateness would have been intelligible to Plato; and they would have been intelligible in much the terms of the present debate. This is because Chomsky’s nativism is primarily a thesis about knowledge and belief; it aligns problems in the theory of language with those in the theory of knowledge... When Plato asks what the slave boy knows about geometry, and where on earth he could have learned it, it really is much the same question that Chomsky asks about what speakers/hearers know about their language and where on earth they could have learned that. There is, I think, no equivocation on the key terms”.

relaciona a pesquisa linguística contemporânea com Descartes, que viveu no século 17:

Não há hoje nenhuma razão séria para se desafiar a visão cartesiana de que a habilidade de usar signos linguísticos para expressar pensamentos formados livremente marque “a verdadeira distinção entre o homem e o animal” ou a máquina...⁵

Como foi dito, Chomsky chamou sua teoria do inatismo linguístico de *gramática universal* por acreditar que o aprendizado de uma primeira linguagem é cercado por uma construção gramatical que tem relação com algum sistema inatamente especificado de linguagem universal e que pode ser visto em comunidades historicamente equidistantes. Contudo, além do argumento da pobreza de estímulos ambientes e da complexidade da estrutura linguística, ele tinha um argumento mais poderoso para apresentar em favor da sua posição. O argumento é o que segue: suponha que alguém está tentando aprender um idioma. Em certa ocasião, nosso aprendiz equipara o termo *X* do seu idioma pátrio com o termo *Y* do idioma que está tentando aprender. Ele acredita que *Y* corresponde exatamente ao termo *X* de seu idioma e, portanto, diz ter aprendido um termo novo em um segundo idioma. Supondo que ele fará essa equivalência com cada termo que for aprendendo no segundo idioma (como é a prática padrão), ele terá aprendido uma segunda linguagem porque conhece a primeira, a saber, sua língua pátria. Chomsky acredita que isto se aplica a qualquer linguagem, inclusive a primeira linguagem. Assim, para alguém aprender a própria língua pátria, ele tinha que ter um mecanismo inato de linguagem que fizesse a correspondência com a primeira linguagem. Se alguém sugerir que o argumento da indeterminação da referência levantado por Quine destrói este argumento, deve ser lembrado que o argumento de Quine *pode* ser eficiente contra uma teoria de aprendizado *empírico* da linguagem, mas é justamente porque aqui se apela ao *inatismo* da linguagem que a crítica de Quine é inócua.

Outra crítica levantada é a de que este argumento conduz a um regresso infinito, pois se alguém precisa saber uma linguagem para poder aprender outra, assim também será para a linguagem interna, ou seja, ela deve estar baseada em uma linguagem anterior e assim *ad infinitum*. Esta crítica, contudo, confunde *saber* e *aprender*, pois o argumento é que ninguém pode aprender uma nova linguagem sem que já *saiba* uma, e não que só se pode aprender uma nova linguagem se alguém tiver, anteriormente, *aprendido* uma.⁶ Consequentemente,

⁵ CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente: Pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Brasília. Editora da UnB, 1998, p. 17-18.

⁶ FODOR, Jerry A. *The Language of Thought*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1975, p. 65.

por se postular um mecanismo inato para explicar a linguagem, a acusação de regresso infinito não afeta a primeira opção, apenas a segunda, que seria uma teoria empírica. Vê-se que a reivindicação de Chomsky, junto aos argumentos, é bem forte. E certamente ela é problemática para uma tradição que, pelo menos desde Hume e Kant, e, mais recentemente, em Quine, é fortemente empirista.

As reivindicações de Chomsky mudaram em muito os rumos da pesquisa linguística. Em um trabalho recente, Myrna Gopnik observa:

Um dos enigmas da linguagem é o fato de que as crianças não falam quando elas nascem, mas por volta dos dois anos estão usando a linguagem e por volta dos quatro anos elas são falantes fluentes. Como elas realizam esta surpreendente façanha? Charles Darwin sugeriu que humanos têm um “instinto” para aprender a linguagem. Essa visão biológica foi suplantada na primeira parte deste século pela noção de que a linguagem era um fenômeno sociocultural e que as crianças aprendem a linguagem do mesmo modo como aprendem as outras formas de sua cultura. Por volta dos anos 60, Noam Chomsky propôs uma explicação radicalmente nova: uma criança aprende uma linguagem do mesmo modo que aprende a andar em pé, porque é parte de sua natureza e não porque é parte de sua cultura.⁷

A reviravolta do argumento a favor do inatismo da linguagem influenciou também suas áreas correlatas, e um dos mais destacados mentalistas contemporâneos, Jerry Fodor, adotou o argumento de Chomsky e o aplicou, particularmente, a conceitos.

1.2 A versão radical de Fodor aplicada a conceitos

Em 1975, ano em que foi publicada *The Language of Thought*, muitos linguistas, filósofos e psicólogos se surpreenderam com a afirmação de Fodor de que todo conceito léxico é inato. Em *The Present Status of the Innateness Controversy* (1981), ele argumentou ainda mais em favor de tal asserção. Ele atribui seu argumento a Chomsky e chama a linguagem inata de *linguagem do pensamento* ou *Mentalese*, defendendo-a do seguinte modo:

Aprender uma linguagem (incluindo, claro, uma primeira linguagem) envolve aprender o que os predicados da linguagem significam. Aprender o que os

⁷ GOPNIK, Myrna. Introduction. In: GOPNIK, Myrna (Ed.). *The Inheritance and Innateness of Grammars*. New York: Oxford University Press, 1997, p. 3. Minha tradução. “One of the puzzles about language is the fact that children do not speak when they are born, but by the time they are two they are using language and by four they are fluent speakers. How do they accomplish this amazing feat? Charles Darwin suggested that humans had an “instinct” to learn language. This biological view was supplanted in the early part of this century by the view that language was a sociocultural phenomenon and that children learned language in the same way that they learned the other forms of their culture. In the early 1960s Noam Chomsky proposed a radically new explanation: a child learns language in the same way that he learns to walk upright, because it is part of his nature and not because it is part of his culture”.

predicados de uma linguagem significam envolve aprender uma determinação da extensão desses predicados. Aprender uma determinação da extensão dos predicados envolve aprender que eles caem sob certas regras (isto é, regras de verdade). Mas alguém não pode aprender que P cai sob R a menos que alguém tenha uma linguagem em que P e R possam ser representadas. Assim, alguém não pode aprender uma linguagem, a menos que alguém já tenha um sistema capaz de representar os predicados naquela linguagem e suas extensões. E, sob o castigo da circularidade, aquele sistema não pode ser a linguagem que está sendo aprendida. Porém, as primeiras linguagens são aprendidas. Por isso, ao menos algumas operações cognitivas estão contidas mais em outras linguagens do que nas linguagens naturais.⁸

Como foi visto, Fodor segue realmente Chomsky de perto; contudo, argumenta ainda que todo conceito léxico como, por exemplo, GATO, CARBURADOR e BRÓCOLIS são inatos e, portanto, não aprendidos. Apenas conceitos frasais complexos, como GRANDE GATO PRETO ou BRÓCOLIS COZIDO é que podem vir a ser aprendidos. Mesmo tendo intrigado a muitos com tal argumento, ele conseguiu com que o próprio Chomsky nutrisse simpatia por sua posição. Laurence e Margolis afirmam que, para ser adequada, qualquer teoria de conceitos tem que lidar com o argumento que eles denominam *enigma de Fodor da aquisição de conceito*,⁹ embora o próprio Fodor não tenha admitido que seu argumento seja um enigma no sentido de ser um paradoxo, como, por exemplo, o argumento cético.

Para Fodor, *conceitos* são representações mentais subproposicionais, em oposição à ala fregeana que defende que conceitos são objetos abstratos. Além disso, em paralelo com a linguagem natural, existem conceitos compostos de elementos mais simples. Assim, os termos: “grande”, “gato” e “preto” podem formar o conceito GRANDE GATO PRETO. Numa teoria em que conceitos são morfemas a palavra IMPRONUNCIÁVEL, por exemplo, deve ser dividida em seus elementos mínimos. Assim, separaríamos seu prefixo “im”, seu radical “pronúncia” e seu sufixo “ável”, onde cada um destes três morfemas corresponde a um conceito diferente.

⁸ FODOR, *The Language of Thought*, p. 63-64. Minha tradução. “Learning a language (including, of course, a first language) involves learning what the predicates of the language mean. Learning what the predicates of a language mean involves learning a determination of the extension of these predicates. Learning a determination of the extension of the involves learning that they fall under certain rules (i.e., truth rules). But one cannot learn that P falls under R unless one has a language in which P and R can be represented. So one cannot learn a language unless one has a language. In particular, one cannot learn a first language unless one already has a system capable of representing the predicates in that language and their extensions. And, on pain of circularity, that system cannot be the language that is being learned. But first languages are learned. Hence, at least some cognitive operations are carried out in languages other than natural languages.

⁹ LAURENCE, Stephen; MARGOLIS, Eric. Radical Concept Nativism. *Cognition*, v. 86, 2002 (p. 25-55), p. 27.

Numa teoria em que conceitos são átomos sintáticos, IMPRONUNCIÁVEL é uma palavra simples e, portanto, um único conceito. Fodor centra seu argumento nos conceitos que correspondem a morfemas, ou seja, as menores unidades de uma linguagem. A conclusão de Fodor é que praticamente *todos* os conceitos léxicos são inatos. Alguém poderia perguntar por que eles não poderiam ser aprendidos? Fodor considera esta sugestão – que ele chama de teoria empirista clássica do aprendizado de conceitos – impossível. Ele diz que para aprendermos um conceito temos que testar hipóteses do significado de um conceito. Destarte, aprendemos um conceito quando, por fim, dominamos suas propriedades semânticas. O problema, diz Fodor, é que para testar hipóteses alguém tem que, de antemão, possuir os conceitos em que eles são expressos, além de possuir os conceitos necessários que rastreiam a evidência que leva até um conceito. Sendo assim, nunca poderíamos aprender um conceito por ter que possuir todos os conceitos que poderia levar *exatamente* ao aprendizado daquele conceito. Além disso, para ter aprendido os conceitos rastreadores teríamos que ter aprendido os conceitos anteriores que os rastrearam e, assim, *ad infinitum*.

Para exemplificar isto, vamos nos dirigir ao exemplo de Fodor do conceito VERMELHO. Para aprender VERMELHO alguém terá que testar as hipóteses para VERMELHO e usar os conceitos exatos que o rastreiam. Deveriam ser reunidas coisas vermelhas para testar as hipóteses. Mas como fazer isto sem já possuir o conceito VERMELHO? Poderia ser-nos dito que VERMELHO é uma cor ou que é uma propriedade. Os conceitos de cor e propriedade seriam os conceitos rastreadores para aprendermos o conceito VERMELHO. Contudo, para saber que estes são conceitos rastreadores e que eles têm uma relação com o conceito alvo, eu teria primeiro que saber o próprio conceito de COR e de PROPRIEDADE, além de saber o conceito de RELAÇÃO para saber que o conceito VERMELHO está relacionado com os conceitos rastreadores. Mas isto ainda não bastaria, pois eu só poderia aprender o conceito dos conceitos rastreadores se tivesse aprendido os conceitos rastreadores deles. O que me levaria a um procedimento infinito de conceitos rastreadores e tornaria impossível uma teoria de conceitos empirista por aprendizado de conceitos. Para não minar de vez o aprendizado por teste de hipóteses, Fodor diz que apenas conceitos complexos ou estruturados como conceitos frasais podem ser aprendidos. Um conceito é internamente estruturado quando seu conteúdo é determinado por sua relação com outros conceitos. Já conceitos primitivos ou não estruturados não têm possibilidade de serem aprendidos e, por isso, eles são inatos. Estes conceitos mais primitivos são os que compõem os conceitos com estrutura interna (conceitos combinatoriais ou complexos).

Fodor, então, concede que a teoria empirista do aprendizado pode explicar *apenas* tais conceitos complexos, mas, em se tratando de conceitos primitivos,

ela é viciosamente circular ou, como mostramos, conduz a um regresso infinito de conceitos rastreadores. Ainda assim, esta concessão de Fodor para a teoria do teste de hipóteses dos empiristas é, como penso, desnecessária. Pois, se conceitos complexos são dados pela estruturação de conceitos não-estruturados, que são inatos, não há como a experiência, por meio das sensações, exercer função na aquisição de tais conceitos. Como foi dito, os conceitos complexos seriam apenas a junção de conceitos primitivos inatos. Isto implica que os conceitos complexos também sejam inatos.

Até aqui deve ter ficado claro que a discordância principal sobre conceitos entre inatistas e empiristas é sobre a estrutura dos conceitos léxicos. Ainda assim, o empirista tenta conceder que existem conceitos primitivos, mas que estes são apenas os conceitos sensoriais, embora a maioria dos conceitos sejam aqueles aprendidos por teste de hipóteses. Fodor, por outro lado, afirma que a maioria de nossos conceitos é formada de conceitos primitivos e, consequentemente, que poucos conceitos léxicos exibem uma estrutura interna como afirmam os empiristas.

A hipótese empirista é falha por pelo menos duas razões. A primeira é que sempre será possível oferecer contra-exemplos, contra a definição empírica proposta de uma palavra e isto, para Fodor, é uma evidência de que os conceitos são não-estruturados. A segunda é que sempre podemos fazer uma crítica ao conhecimento sensorial para bloquear a afirmação de que existem os conceitos primitivos não sensoriais. Perguntaríamos, por exemplo, como um conceito seria aprendido por sensação? Como se adquire o próprio conceito SENSACÃO também por sensação? Isto, obviamente, nos levaria a outro regresso infinito. Eu também tenho o conceito de NÃO-SENSACÃO? Mas como eu saberia disto sem apelar às próprias sensações? E isto, obviamente, nos levaria a uma circularidade.

Laurence e Margolis (2002), por exemplo, recorrendo a teorias psicológicas, sugerem que as crianças aprendem conceitos por teste de hipóteses e que elas os aprendem enfatizando suas formas. Mas se a forma de um objeto é a maneira de detecção do conceito, como aprender coisas como cor, tamanho, largura e profundidade? Se eu aponto para um carro, como a criança cria o conceito de CARRO sem acreditar que tal conceito se refere ao dedo apontando, à figura de fundo do carro, à cor do carro, a parte do carro, seu lado externo ou seu lado interno? Como falamos anteriormente, o argumento da indeterminação da referência de Quine bloqueia uma teoria empírica de conceitos, mas não uma teoria inatista. Além do mais, o que diremos de expressões sincategoremáticas? Como uma teoria empirista do aprendizado de conceitos pode explicá-las? Assim, a teoria do teste de hipóteses tem problemas diversificados.

Se conceitos não podem ser aprendidos por uma teoria de teste de hipóteses, o argumento de Fodor, então, é o que segue:

- (1) Todos os conceitos ou são aprendidos ou são inatos.
- (2) Se eles são aprendidos, então eles são adquiridos por teste de hipóteses.
- (3) Se eles são adquiridos por teste de hipóteses, então eles são internamente estruturados.
- (4) Conceitos léxicos não são internamente estruturados.
- (5) Assim, conceitos léxicos não são adquiridos por teste de hipóteses.
- (6) Assim, conceitos léxicos não são aprendidos.
- (7) Portanto, conceitos léxicos são inatos.¹⁰

Laurence e Margolis, sustentando-se em Hume, dizem que conceitos como os de cavalos alados, dragões de fogo e monstros gigantes, não são aprendidos, mas também não são inatos, o que seria bom para os empiristas. A tentativa é de enfraquecer a premissa (1), o que faria com que, no mínimo, o argumento tivesse que ser reformulado. Mas esta é uma afirmação claramente falsa. O conceito CAVALO ALADO é uma junção dos termos “cavalo”, “com” e “asas”. Mas como um modelo empirista explica a aquisição de “com”? Aqui se podem acrescentar as críticas ao empirismo e, por conseguinte, às sensações, feitas anteriormente. Da mesma forma, o conceito DRAGÃO DE FOGO é uma junção de réptil com asas que cospe fogo. Já o conceito MONSTRO GIGANTE é apenas uma alusão a um ser humano de elevada altura e aparência não agradável. Coisas imaginadas são, destarte, a junção de coisas das quais já possuímos um conceito e, por estas razões, o empirismo não parece apresentar uma séria ameaça ao argumento supracitado.

1.3 A concessão de Fodor

Em *Concepts: The Mind Doesn't Work That Way*, de 1998, Fodor recua em algumas de suas asseverações anteriores sobre o inatismo de conceitos. Sua principal alegação é a de que seu tratamento de “internamente estruturado” foi ambíguo. Relembrando: Fodor tinha dito que para um conceito ser internamente estruturado ele deveria ser definível, mas como sempre podemos lançar contraexemplos contra as definições, os conceitos não são definíveis e, por sua vez, são não-estruturados. Agora, ele abre espaço para que um conceito seja não-definível e, ainda assim, tenha outra constituição. Mas que constituição um conceito precisa ter para ser internamente estruturado e ainda ser não-definível? A resposta, segundo alguns psicólogos como Eleanor Rosch, é que conceitos precisam ter a constituição de um protótipo. Basicamente, um protótipo é obtido através do reconhecimento de propriedades dos membros de uma determinada classe. As teorias sobre protótipos são basicamente de dois tipos:

Dependendo da teoria, protótipos consistem do conhecimento sobre as propriedades que os objetos ou possuem ou não possuem ou sobre as propriedades que

¹⁰ Ibid., p. 31-32.

os objetos possuem em algum grau. A propriedade *ter asas* é um exemplo do primeiro tipo de propriedade. A propriedade *ser doce* é um exemplo do segundo tipo de propriedade: uma substância pode ser mais ou menos doce.¹¹

Mesmo se abrindo para a possibilidade de conceitos serem não-definíveis e ao mesmo tempo serem internamente estruturados, Fodor argumenta que este não é o caso para os protótipos. Ele diz que os “protótipos não são compostos”¹² e, por isso, não podem ser internamente estruturados. Para sustentar seu argumento com exemplos, ele diz que conceitos booleanos não têm protótipos. Enquanto, GATO pode ter um protótipo – admite Fodor – NÃO-GATO, mesmo tendo uma interpretação semântica definida (expressa a propriedade de *não ser um gato*) não tem um protótipo. Mesmo que haja um protótipo para MAÇÃ e outro para TELEFONE, não existe um protótipo para MAÇÃ OU TELEFONE. Além disso, a teoria dos protótipos não explica como aprendemos termos sincategoremáticos e os demais termos classificados gramaticalmente como abstratos. Uma teoria de conceitos que leva em conta apenas a aquisição de conceitos dos objetos do nosso cotidiano não leva em conta a estrutura complexa da linguagem prefigurada por Chomsky. Mas o problema de qualquer teoria empirista é justamente conseguir explicar como adquirimos o conceito de termos não representados por objetos.

Fodor diz que o inatismo radical de conceitos, embora impopular entre os filósofos, é uma posição que pode tranquilamente ser verdadeira:

Talvez o inatismo radical de conceito seja verdadeiro, apesar de sua larga impopularidade na comunidade filosófica. Falando apenas como um cidadão, eu tenho sempre pensado que não seria de todo surpreendente se o inatismo radical de conceito se confirme como verdadeiro. Assim, não seria tão embaraçoso pra mim que todos os caminhos do atomismo de conceito pareçam conduzir a isso. É, afinal, Deus e não os filósofos quem decide o que as criaturas têm genotipicamente embutido. Isto é certamente a melhor providência do ponto de vista da criatura.¹³

¹¹ MACHERY, Edouard. *Doing Without Concepts*. New York: Oxford University Press, 2009, p. 84. Minha tradução. “Depending on the theory, prototypes consist of knowledge about properties that objects either possess or do not possess or about properties that objects possess to some degree. The property having wings is an instance of the first type of property. The property being sweet is an instance of the second type of property: a substance can be more or less sweet”.

¹² FODOR, Jerry A. *Concepts: Where Cognitive Science Went Wrong*. Oxford: Oxford University Press, 1998, p. 101.

¹³ *Ibid.*, p. 129. Minha tradução. “Maybe radical concept nativism is true, despite its wide unpopularity in the philosophical community. Speaking just as a private citizen, I’ve always sort of thought it wouldn’t be all that surprising if radical concept nativism did turn out to be true. So it didn’t much embarrass me that all the roads from concept atomism seemed to lead there. It is, after all, God and not philosophers who gets to decide what creatures have genotypically built in. That is surely *much* the best arrangement from the creature’s point of view”.

A afirmação de Fodor se coaduna com o que expressa João Calvino:

Que existe na mente humana, e na verdade por disposição natural, certo senso da divindade, consideramos como além de qualquer dúvida. Ora, para que ninguém se refugiasse no pretexto de ignorância, Deus mesmo infundiu em todos certa noção de sua divina realidade, da qual, renovando constantemente a lembrança, de quando em quando instila novas gotas, de sorte que, como todos à uma reconhecem que Deus existe e é seu Criador, são por seu próprio testemunho condenados, já que não só não lhe rendem o culto *devido*, mas ainda não consagram a vida à sua vontade.¹⁴

Para Calvino, todo ser humano tem em sua mente, de forma inata, o conceito de Deus. Os homens são condenados quando suprimem este conhecimento e não consideram sua existência e seu papel de Criador. Assim, é inferido que o ser humano também conhece os conceitos de EXISTÊNCIA e CRIADOR. Certamente, dizer que o homem tem o conceito de Deus não é dizer que Deus possa ser exaustivamente definido por qualquer pessoa, pois nós podemos ter o conceito de algo que não temos capacidade de definir. Assim se expressava Agostinho, em *Confissões*, XI, cap.14, ao afirmar que mesmo possuindo o conceito de TEMPO e o empregando nas conversações, é difícil defini-lo: “O que é o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; mas se quiser explicar a quem pergunta, já não sei”.

Não obstante, Fodor, nos últimos anos, cedeu à pressão e vem cada vez mais se afastando de sua posição mais antiga. Em *Language of Thought Revisited* (2008), ele diz: “Embora o empirismo pareça ser falso, o inatismo não parece ser interessante”.¹⁵ Mas pergunta-se: o que ele significa por “interessante”? Interessante para quem? Parece que alguém pode descartar uma quantidade imensa de teorias apenas por não achá-las interessantes. Seu ponto principal, que o faz abandonar suas conclusões mais antigas, é este:

A questão central não é *que conceitos são aprendidos*, desde que, se o argumento (retificado) da Linguagem do Pensamento estiver correto, nenhum deles é. Nem, contudo, é *que os conceitos são inatos*, se um conceito inato for um cuja aquisição é independente da experiência. Muito provavelmente, não há nenhum deles. Antes, o problema é explicar como a herança inata (se ela é descrita em termos neurológicos ou intencionais) contribui para a aquisição de seu repertório conceitual; isto é, como a herança inata contribui para os processos que iniciam com a experiência e acabam na posse do conceito.¹⁶

¹⁴ CALVINO, João. *Institutas*, v. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 1985, p. 53.

¹⁵ FODOR, Jerry A. *The Language of Thought Revisited*. New York: Oxford University Press, 2008, p. 145.

¹⁶ *Ibid.*, p. 145. Minha tradução. “The central issue isn’t *which concepts are learned*, since, if the (emended) *LOT 1* argument is right, none of them are. Nor, however, is it *which concepts are innate*, if

Fodor desiste de seu antigo argumento tentando usar a estratégia anteriormente citada de Laurence e Margolis de enfraquecer a premissa (1) (ver pág. 40). Para ele, no entanto, não basta dizer que os conceitos não são nem aprendidos nem inatos, ele precisa fornecer uma terceira opção. Se declaro que um veículo X não é nem um carro, nem um trator, eu posso afirmar ser ele uma moto, um caminhão ou outra coisa, pois eu tenho outras opções. Neste caso, porém, Fodor não tem nada além destas duas opções, tanto é que ele não a expõe. Assim, a simples afirmação de que conceitos não são nem aprendidos nem inatos é cheia de som, mas não significa nada.

2. INATISMO E EVOLUCIONISMO

Como vimos, a proposta do inatismo de conceitos traz em si afirmações fortes. Tais afirmações também têm consequências no mesmo grau. Reivindica-se que quando uma tese filosófica é contrária a alguma teoria científica que é bastante recomendada, devemos reformular nossa tese filosófica ao invés de abandonarmos a teoria científica. Isto acontece quando se pesa o inatismo de conceitos e a teoria evolucionista. Algumas das críticas dirigidas contra a posição de Fodor estão arraigadas justamente na incompatibilidade dela com o evolucionismo. Mas nem todos conseguem enxergar assim. Existem dois modos na literatura de conceitos de ver a relação entre inatismo e a teoria darwinista. O primeiro modo é aquele em que as duas posições são complementares, ou seja, que o inatismo é corroborado pelo evolucionismo; dada nossa herança genética, nossas disposições conceituais inatas podem ser explicadas por ela. Do outro lado, estão os que acreditam que, na verdade, inatismo e evolucionismo são totalmente incompatíveis. Mas por que isto é importante para o inatismo de conceitos? Esta questão é importante por que a reivindicação desta última vertente é que se os dois são incompatíveis, devemos abandonar o inatismo de conceitos e ficar com o evolucionismo por ser uma teoria científica bem mais ratificada. Vamos, então, olhar rapidamente para cada lado desse debate e ver que as consequências tiradas dele são teístas.

Autores como Chomsky e Fodor, que endossaram algum tipo de inatismo, acreditam que a tal herança inata reivindicada foi dada no processo evolutivo. Em sua posição mais recente, como vimos no desfecho da seção anterior, Fodor diz que a questão central é buscar compreender como essa herança inata contribui para a aquisição do repertório conceitual, e Chomsky, por exemplo, diz:

an innate concept is one the acquisition of which is independent of experience. Quite likely, there are none of those either. Rather, the problem is to explain how a creature's innate endowment (whether it is described in neurological or in intentional terms) contributes to the acquisition of its conceptual repertoire; that is, how innate endowments contribute to the processes that start with experience and end in concept possession".

A linguagem humana parece estar biologicamente isolada em suas propriedades essenciais e ser um desenvolvimento na verdade recente sob uma perspectiva evolucionista.¹⁷

Posso formular o argumento que concilia o inatismo de conceitos com o evolucionismo do seguinte modo:

Estratégia 1: Considerando que a teoria evolutiva seja verdadeira, a teoria da linguagem universal e do inatismo de conceitos se concilia com ela. Assim, os processos de sobrevivência e reprodução forneceram o cenário exato no qual nossas faculdades cognitivas se desenvolveram, ou seja, com a aptidão de acessar os conceitos inatos que foram favorecidos pela teoria evolutiva.

Por outro lado, existem aqueles que não seguem tal estratégia por acreditarem que o inatismo de conceitos léxicos e a teoria evolutiva são completamente incompatíveis. Esta, por exemplo, é a posição adotada por Hilary Putnam. Ao considerar que nossos conceitos dependem de nosso ambiente físico e social, ele considera que a evolução (que segundo ele, “foi completada, para nossos cérebros, cerca de 30 mil anos atrás”) não poderia ter previsto essa dependência. Assim:

Para nos ter dado um estoque inato de noções que incluem *carburador*, *burocrata*, *potencial quântico*, etc., como requerido pela versão de Fodor da Hipótese Inatista, a evolução teria que ser capaz de antecipar todas as contingências dos ambientes do futuro físico e cultural. Obviamente, ela não fez e nem poderia ter feito isto.¹⁸

Numa afirmação totalmente especulativa e sem levar em conta as premissas do argumento de Fodor, Putnam rejeita de antemão o inatismo de conceitos. Laurence e Margolis chegam a dizer que esse tipo de argumento de Putnam é apenas uma questão de escolha sem uma justificativa mais substancial. É basicamente uma questão de escolher entre Fodor e Darwin e declarar que este último se consagra vencedor. Eles concluem que “o problema, contudo, é que esta resposta, na verdade, é intelectualmente inculta”.¹⁹

¹⁷ CHOMSKY, *Linguagem e mente*, p. 17.

¹⁸ PUTNAM, Hilary. *Representation and Reality*. Cambridge, MA: MIT Press, 1988, p. 15. Minha tradução. “To have given us an innate stock of notions which includes carburetor, bureaucrat, quantum potential, etc., as required by Fodor’s version of the Innateness Hypothesis, evolution would have had to be able to anticipate all the contingencies of future physical and cultural environments. Obviously it didn’t and couldn’t do this”.

¹⁹ LAURENCE e MARGOLIS, *Radical Concept Nativism*, p. 33. Minha tradução. “The problem, however, is that this response really is just intellectually philistine”.

É evidentemente notável que Putnam em nenhum momento considere as premissas do argumento de Fodor. No entanto, vamos ignorar isto por causa do argumento e conceder a Putnam o direito de poder estar certo, caso o evolucionismo seja verdadeiro. Assim, temos:

Estratégia 2: Se acreditarmos que o inatismo de conceitos e o evolucionismo são incompatíveis, então devemos escolher a teoria de Darwin como uma posição mais plausível para se optar. Assim, se esta suposição for verdadeira, o darwinismo deve prevalecer.

Deve-se deixar claro que Laurence e Margolis não discordam da conclusão de Putnam. Eles de fato concordam, mas acreditam que uma argumentação deveria ser dada em favor de tal afirmação. Se ampliarmos ainda mais tal ideia, diríamos que, de fato, a maior parte dos darwinistas dificilmente irá rejeitar a conclusão da Estratégia 2 em detrimento da Estratégia 1. Mas é certo que esta última estratégia deveria ser melhor defendida. Isto acontece porque, como dissermos anteriormente nos valendo de Laurence e Margolis, há uma rejeição quase universal da conclusão do argumento que leva a se adotar um inatismo de conceitos.

Por fim, a literatura sobre teoria dos conceitos é tendenciosa com relação às duas estratégias supracitadas. Eles colocam em jogo apenas a veracidade do inatismo de conceitos, mas nunca do evolucionismo. Destarte, pretendo mostrar que há outra estratégia pela qual podemos optar se levarmos em conta a opção teísta. Com isto, colocarei em jogo a veracidade do evolucionismo. Mas antes disto refutarei as duas estratégias iniciais.

3. DESFAZENDO A “SOLIDEZ” EVOLUCIONISTA: A OPÇÃO TEÍSTA

Nesta seção final, o intuito é oferecer dois argumentos contra o evolucionismo. O primeiro vai de encontro à Estratégia 1 e o outro, embora direcionado à Estratégia 2, mina tanto uma quanto a outra. Pretendo mostrar que o evolucionismo não é assim tão sólido como vociferado por alguns de seus fiéis seguidores.

3.1 O argumento contra a Estratégia 1

Alvin Plantinga produziu um argumento que diz que o naturalismo evolucionista conduz a um profundo ceticismo. O próprio Darwin expressou tais preocupações em uma carta escrita a William Graham:

Você tem expressado minha convicção interior, embora muito mais vividamente e claramente do que eu poderia ter feito, de que o Universo não é resultado do acaso. Mas então a terrível dúvida sempre se levanta comigo, se as convicções

da mente do homem, que se desenvolveu da mente de animais inferiores, são de qualquer valor ou, afinal, dignas de confiança. Poderia alguém confiar nas convicções da mente de um macaco, se é que há quaisquer convicções em tal mente?²⁰

O que Plantinga sugere é que se o comportamento de nossos ancestrais foi adaptativo, conduzido por sobrevivência e reprodução, a neurofisiologia que causou este comportamento também foi e permanece adaptativa. Ele diz que os materialistas afirmam que essa mesma neurofisiologia também causa crenças. Contudo, a seleção natural recompensa o comportamento adaptativo e pune o comportamento não-adaptativo, sem, no entanto, se importar com a crença verdadeira: “Suas crenças podem ser todas falsas, ridiculamente falsas; se seu comportamento for adaptativo, você sobreviverá e se reproduzirá”.²¹

Plantinga dá o exemplo de um sapo comendo uma mosca e diz que a neurofisiologia que provoca isto também causa crenças. E contanto que a sobrevivência e a reprodução sejam a prioridade, não importa se tais crenças são verdadeiras ou falsas. Se a neurofisiologia causa a crença verdadeira de que “aquelas coisinhas pretas são boas para comer”, está tudo bem, e se causa uma crença falsa como “se eu pegar a mosca certa, eu virarei um príncipe”, também está tudo bem. Assim, se a neurofisiologia causa uma crença verdadeira ou falsa é irrelevante, ou seja, a probabilidade de a crença ser falsa é a mesma de a crença ser verdadeira.

Se eu tenho 1000 crenças independentes, por exemplo, e a probabilidade de qualquer crença particular ser verdadeira é de $\frac{1}{2}$, então a probabilidade de que $\frac{3}{4}$ ou mais dessas crenças sejam verdadeiras (certamente uma exigência bastante modesta para a confiabilidade) será menos do que 10^{-58} . E mesmo que eu estivesse operando um sistema epistêmico modesto de apenas 100 crenças, a probabilidade de que $\frac{3}{4}$ delas fossem verdadeiras, dado que a probabilidade de qualquer uma ser verdadeira é $\frac{1}{2}$, é muito baixa, algo como 0,0000001.²²

²⁰ DARWIN, Charles. Charles Darwin to William Graham. In: DARWIN, Francis (ed.). *The Life and Letters of Charles Darwin, including an Autobiographical Chapter*. Vol. 1. London: John Murray, 1887, p. 316. Minha tradução. “You have expressed my inward conviction, though far more vividly and clearly than I could have done, that the Universe is not the result of chance. But then with me the horrid doubt always arises whether the convictions of man’s mind, which has been developed from the mind of the lower animals, are of any value or at all trustworthy. Would any one trust in the convictions of a monkey’s mind, if there are any convictions in such a mind?”

²¹ PLANTINGA, Alvin. Evolution vs. Naturalism: When They are like Oil and Water. *Antimatters*, v. 2 (3), 2008 (p. 79-84), p. 81.

²² *Ibid.*, p. 82. Minha tradução. “If I have 1,000 independent beliefs, for example, and the probability of any particular belief’s being true is $\frac{1}{2}$, then the probability that $\frac{3}{4}$ or more of these beliefs are true (certainly a modest enough requirement for reliability) will be less than 10^{-58} . And even if I am running a modest epistemic establishment of only 100 beliefs, the probability that $\frac{3}{4}$ of them are true, given that the probability of any one’s being true is $\frac{1}{2}$, is very low, something like 0,0000001”.

A conclusão de Plantinga é que é improvável que tais faculdades cognitivas sejam confiáveis. Se o naturalismo evolucionista for verdadeiro, alguém pode até sustentar que tem crenças verdadeiras, mas o fará de modo irracional, pois ele tem um anulador para a crença de que suas faculdades cognitivas são confiáveis. E se ele tem um anulador para a crença na confiabilidade de suas faculdades cognitivas, isto implica que ele tem um anulador para qualquer crença produzida por elas, ou seja, ele tem um anulador para todas as suas crenças! Assim, se o naturalismo evolucionista for verdadeiro, nenhuma de nossas crenças pode ser confiável e alguém está plenamente justificado em desistir de todas elas, o que leva a um abismo cético. Ironicamente, acreditar que o próprio naturalismo evolucionista é verdadeiro faz parte do conjunto de crenças não-confiáveis e, assim, a crença de que o naturalismo evolucionista é verdadeiro também tem um anulador.

Deste modo, se alguém sustenta o naturalismo evolucionista, não o faz racionalmente: “O naturalismo evolutivo, portanto – a crença na combinação de naturalismo e evolução – é autorrefutável, autodestrutível, e atira no próprio pé. Portanto, você não pode racionalmente aceitá-lo”.²³

Com isto, em que ponto ficamos quanto à Estratégia 1 da relação entre o inatismo de conceitos e o evolucionismo? O ponto é que se a teoria evolucionista for verdadeira, os processos de sobrevivência e reprodução favoreceram somente o comportamento adaptativo e não um possível estoque de conceitos léxicos inatos, já que qualquer coisa neste sentido seria impensável por faculdades cognitivas que em nenhum momento priorizam a verdade, mas apenas a sobrevivência e a reprodução. Pouco importa para o sapo o conceito correto de MOSCA, o que importa é sua sobrevivência e reprodução. Assim, mesmo que o evolucionismo fosse verdadeiro, não há como dizer que ele o faz por meio de crenças verdadeiras. Nossa mente apenas evoluiu para sobreviver e não para buscar a verdade ou conceitos corretos.

3.2 O argumento contra a Estratégia 2

O ponto anterior pode deixar alguém tentado a dizer que prefere sustentar um evolucionismo irracional a abandonar sua teoria favorita. E é isto que o evolucionismo vem se tornando, apenas a teoria favorita de alguém. Muitos evolucionistas populares parecem fazer vista grossa às principais críticas que se levantam contra sua teoria, surgidas, muitas vezes, dentre os mais conceituados evolucionistas. Certamente, existe diferença entre ser popular e ser bem conceituado. É bem verdade que os evolucionistas, em boa parte, não admitirão que aceitam a teoria por mera escolha. O próprio Fodor chega a dizer sobre o darwinismo que ele é

²³ Ibid., p. 83. Minha tradução. “Evolutionary naturalism, therefore – the belief in the combination of naturalism and evolution – is self-refuting, self-destructive, shoots itself in the foot. Therefore you can’t rationally accept it”.

Largamente publicado como um *paradigma* de sucesso científico (tenho ouvido dizer que o adaptacionismo darwiniano é a melhor ideia que alguém já teve e que a seleção natural é a teoria com melhor confirmação na ciência).²⁴

Porém, Fodor retrocedeu nesse ponto, publicando um livro em que critica a evolução de Darwin. Steven Pinker acha inadmissível que Fodor tenha se tornado um crítico da evolução:

Fodor mostra o profundo de sua antipatia pelo darwinismo quando escreve que “é pertinente perguntar pelas evidências de que a seleção natural é nunca/algumas vezes/sempre a explicação correta da funcionalidade biológica”.²⁵

Uma crítica que deixou muitos evolucionistas atônitos surgiu com Michael Denton em seu *Evolution: A Theory in Crisis* (1986), que distingue dois sentidos para o termo evolução que Pinker e outros têm usado ambigualmente. O autor sustenta como todo tipo de evidência levantada em favor do darwinismo fracassa. Ele faz uma distinção entre *microevolução* e *macroevolução*. Tanto os tentilhões das ilhas Galápagos observados por Darwin, quanto as moscas da fruta das ilhas Havaí refletem a microevolução, que consiste em pequenas mudanças no genótipo sem que ocorra mudança de espécie. Tendo por certo o primeiro, alguns evolucionistas proclamam que sua teoria também explica o segundo. Eles tomam o termo evolução sem fazer tal distinção e, por isso, não percebem que a teoria se sai bem para o nível micro, mas não recebe nenhuma evidência razoável para o nível macro.

Denton diz que o problema para a macroevolução é explicar como as primeiras formas de vida que supostamente culminariam nas formas mais complexas surgiram por puro acaso. Ele diz que a macroevolução precisaria de uma cadeia ininterrupta de fósseis de transição, o que Darwin esperava que fosse descoberto. Mas passados 150 anos da publicação de sua teoria nada saiu do lugar, com exceção de casos de microevolução bem triviais (diferenças de cor, de tamanho, de velocidade). A suposição de que estas microevoluções, dado um grande período de tempo, provocariam grandes mudanças, nunca foi demonstrada. A história mostrou como as suposições sobre os fósseis eram errôneas. O celacanto era um animal datado em 200 milhões de anos e seu

²⁴ FODOR, Jerry A. *In Critical Condition: Polemical Essays on Cognitive Science and the Philosophy of Mind*. London: MIT Press, 1998, p. 190. Minha tradução. “Widely advertised as a *paradigm* of scientific success (I’ve heard it said that Darwinian adaptationism is the best idea that anybody’s ever had, and that natural selection is the best confirmed theory in science)”.

²⁵ PINKER, Steven. A Reply to Jerry Fodor on How the Mind Works. *Mind and Language*, v. 20, n. 1, 2005 (p. 33-38), p. 37. Minha tradução. “Fodor shows the depth of his antipathy toward Darwinism when he writes that ‘it is pertinent to ask for evidence that natural selection is ever/sometimes/always the *right* explanation of biological functionality’”.

fóssil foi redesenhado como uma transição do peixe para o anfíbio. Mas no Oceano Índico, perto da África do Sul, na Cidade do Cabo, foram achados celacantos vivos e eram apenas peixes. O registro fóssil foi considerado uma evidência pobre para a macroevolução.

Quando a microbiologia avançou, os evolucionistas acreditaram que sua teoria poderia ser provada pela comparação de proteínas. Ao se comparar o citocromo C bacteriano com o de alguns animais esperava-se que isto demonstrasse a evolução. Mas o resultado foi que o citocromo C do cavalo, do atum, do bicho-da-seda, do trigo e da levedura encontrava-se na mesma distância do citocromo C bacteriano. Ainda que se escolha outra classe de proteínas, Denton observa que os anfíbios não são intermediários entre peixes e vertebrados terrestres como apregoa o evolucionismo, pois os anfíbios estão na mesma distância dos peixes quanto répteis e mamíferos.²⁶

As mutações genéticas se mostraram mais como aberrações do que como ajustes de design. Sem contar que em nenhuma delas, mesmo com manipulação, foi encontrada uma transição de uma espécie para outra. São variações dentro da própria espécie, as microevoluções das quais falamos. Sem evidência do registro fóssil, sem evidência da comparação de proteínas, a teoria parecia ruir. Stephen Jay Gould entrou em cena no mundo acadêmico por revelar este segredo paleontológico. Gould rejeitou esse processo preconizado por Darwin de que a evolução ocorreu a passos muito curtos e lentos. A evidência não favorecia tal conclusão. Esse processo ficou conhecido por *gradualismo*. Ao abandonar o gradualismo, Gould não rejeita a teoria evolutiva. Ele propôs, junto com Niles Eldredge, o que ficou conhecido como teoria dos *equilíbrios pontuados*.

A teoria de Gould e Eldredge, surgida na década de 70, consiste em saltos rápidos e grandes, o que Darwin tinha rejeitado. Eles postularam que as mudanças evolutivas eram poucas para que pudessem ser observadas e, quando ocorrem, as mudanças são rápidas e em populações pequenas e isoladas. Isto para eles, explicaria a falha do registro fóssil. Mas em que eles se baseiam? Denton chega a dizer que a teoria de Gould e Eldredge é tão fantasiosa quanto à teoria da *panspermia* sustentada por Fred Hoyle (popularizador da teoria do estado estático em 1948) e Francis Crick (codescobridor do DNA em 1953), que tentam explicar o início da vida recorrendo a inteligências extraterrestres que teriam depositado sementes de vida no nosso planeta. Claro que eles precisariam explicar como surgiram estas vidas extraterrestres. Assim, por tais explicações de renomados evolucionistas se tornarem insustentáveis, um clima de desânimo pairou na comunidade científica.

²⁶ DENTON, Michael. *Evolution: A Theory in Crisis*. Bethesda, MD: Adler & Adler, 1986, p. 285.

Lynn Margulis, professora de biologia da Universidade de Massachusetts, que formulou a teoria de que as mitocôndrias tinham sido antigamente células bacterianas, chegou a dizer que o neodarwinismo era uma pequena seita religiosa do século 20 e, ao pedir em suas palestras um único exemplo inequívoco em que se observa a formação de uma nova espécie decorrente do acúmulo de mutações, obtinha apenas o silêncio de sua plateia formada por biólogos moleculares evolucionistas.²⁷ As complicações da teoria não podiam mais ser disfarçadas pela retórica. Klaus Dose, um dos mais destacados bioquímicos, chegou a dizer que em seus 30 anos de trabalho na evolução química e molecular arrumou mais problemas do que soluções e afirmou que todas as discussões sobre essas teorias terminam em impasse ou em confissão de ignorância. Crick afirmou que, depois que escreveu um trabalho sobre a origem da vida, jura que nunca mais escreverá outro pela quantidade de especulação tirada dos muito poucos fatos.

Michael Behe, bioquímico que apresentou uma crítica devastadora à teoria evolutiva em *A caixa preta de Darwin* (1997), disse:

Devemos notar o óbvio: se uma pesquisa de opinião fosse feita entre todos os cientistas do mundo, a grande maioria responderia que acredita que o darwinismo é uma teoria correta. Os cientistas, porém, tal como todas as pessoas, baseiam a maior parte de suas opiniões na palavra de outras pessoas. Entre a grande maioria que aceita o darwinismo, o maior número (embora não todos) assim age baseado em pronunciamentos de autoridades. Além disso, infelizmente, com uma frequência grande demais, as críticas foram ignoradas pela comunidade científica por medo de fornecer munição aos criacionistas. É irônico que, em nome da defesa da ciência, uma crítica científica incisiva da seleção natural tenha sido posta de lado.²⁸

Mas, então, qual é a alternativa? Behe, em sua crítica supracitada, apresentou contra o darwinismo o que ele chamou de complexidade irreduzível.²⁹

Com *irreduzivelmente complexo* quero dizer um sistema único composto de várias partes compatíveis, que interagem entre si e que contribuem para sua função básica, caso em que a remoção de uma das partes faria com que o sistema deixasse de funcionar de forma eficiente. Um sistema irreduzivelmente complexo não pode ser produzido diretamente (isto é, pelo melhoramento contínuo da função inicial, que continua a atuar através do mesmo mecanismo) mediante

²⁷ BEHE, Michael. *A caixa preta de Darwin: O desafio da bioquímica à teoria da evolução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 35.

²⁸ Ibid., p. 39.

²⁹ Darwin já tinha dito que sua teoria desmoronaria por completo, se alguém demonstrasse que um órgão qualquer não surgiu de lentas, numerosas e sucessivas modificações. Cf. *Origin of species*. 6. ed. New York University Press, 1988, p. 154.

modificações leves, sucessivas, de um sistema precursor, porque qualquer precursor de um sistema irreduzivelmente complexo ao qual falte uma parte é, por definição, não-funcional.³⁰

Para se determinar a complexidade irreduzível temos que identificar a função de um sistema junto a seus componentes. Um órgão que se encaixe nisso terá que ter todas as suas partes contribuindo para sua função. Além disso, um sistema é irreduzivelmente complexo quando todos os seus componentes são necessários à sua função, ou seja, não basta apenas ter uma função, é necessário saber se ela é essencial para o funcionamento do sistema. Behe exemplifica com uma ratoeira, onde qualquer peça tirada do sistema faz com que a ratoeira simplesmente não funcione. Ele mostra exemplos de sistemas irreduzivelmente complexos como o olho, o cílio usado por algumas células nadadoras, o flagelo bacteriano, a coagulação sanguínea e nossa defesa através de anticorpos.

Behe explica em seu livro a complexidade bioquímica desses sistemas e, ao analisar as principais revistas e livros sobre evolução, percebe que paira um silêncio sobre uma explicação evolutiva de algum destes sistemas. Como já dito, as microevoluções não provam o ponto geral que Darwin perseguiu. Behe conclui que um sistema complexo como o do flagelo bacteriano ou da coagulação sanguínea dificilmente poderá ser explicado em termos evolucionistas, pelo fato de que qualquer parte retirada de um destes sistemas o torna inútil e isso o torna impossível de ter evoluído. Ele diz que tais sistemas têm que ter sido planejados de forma inteligente. Isto se coaduna com o teísmo e rejeita o evolucionismo.

Agora devemos jogar tudo isto dentro de nossa Estratégia 2 e ver o que obteremos. Se recordarmos a citação de Pinker, veremos que ela é apenas cheia de retórica: a seleção natural, não é tão estabelecida como ele propaga. E quanto à afirmação de Putnam de que a evolução não poderia ter nos dado, nem deus, um estoque de conceitos inatos por não poder antecipar as contingências futuras do ambiente e da cultura? Concordamos com a afirmação, mas a conclusão é radicalmente diferente. A evolução não poderia nos ter dado tal coisa simplesmente porque, provavelmente, ela nunca ocorreu. Assim, devemos descartar a Estratégia 2 como uma base inadequada para a teoria dos conceitos. A teoria de Darwin não é assim tão sólida como se apregoa.

No fim, nenhuma das duas estratégias nos serve aqui. Mas ainda temos outra opção: mudar a Estratégia 2 e rejeitar o darwinismo ao invés do inatismo de conceitos. Com isto, baseados no argumento em favor do inatismo de conceitos léxicos e contra o aprendizado de conceitos de forma empírica e somando a isto nossa crítica ao evolucionismo, podemos montar nossa estratégia da seguinte maneira.

³⁰ BEHE, *A caixa preta de Darwin*, p. 48.

Estratégia 3: Se acreditarmos que o inatismo de conceitos e o evolucionismo são incompatíveis, então devemos escolher o inatismo de conceitos como uma posição mais plausível para se optar. Negar o evolucionismo implica que o inatismo de conceitos é compatível com o teísmo.

Esta última estratégia sustenta o compromisso com o inatismo radical de conceitos léxicos de Fodor e veta o compromisso com o evolucionismo pelas razões apresentadas acima. Mesmo agora dentro desta discussão de conceitos, o que parece estar em jogo é a não-aceitação da existência de Deus, mas nunca a força das evidências. Os motivos são bem mais subjetivos.

CONCLUSÃO

O meio filosófico, especialmente a partir da segunda metade do século 20, é bastante empirista e qualquer conclusão que se dirija ao inatismo não é vista com bons olhos (salvo poucas exceções), talvez porque os filósofos inatistas que temos como exemplos na história sejam em sua grande maioria teístas. Mas a teoria formulada por Darwin parece ser religiosamente defendida no círculo filosófico atual. Um defeito facilmente detectável em muitos filósofos evolucionistas é a falta de trato com as críticas à teoria que eles adotam. Além de não verem com bons olhos filósofos que criticam o evolucionismo, muitos deles não se importam em ver os pontos fracos de sua posição.

Mas alguém ainda poderá sustentar que a subseção 3.2 é um *reductio ad absurdum* da defesa de conceitos inatos, já que apela à ciência empírica. Mas a motivação não é exatamente essa. Na verdade, o texto está expressando que mesmo se formos tratar o assunto, por causa do argumento, na linguagem empírica dos evolucionistas, eles não se saem bem. A evolução e o aprendizado de conceitos por teste de hipóteses passam por dificuldades. A propósito, como o próprio conceito *evolução* pode ser aprendido por teste de hipóteses? Haveria algum (ou alguns) objeto que represente o conceito *evolução*? Algumas destas questões devem fazer-nos repensar porque o empirismo e o evolucionismo são tão populares. Não é que não existam defensores honrosos em ambas as posições, é que as suas imensas falhas deveriam criar um campo maior para as posições alternativas. O problema, talvez, seja a ligação religiosa a que o inatismo e, principalmente o modelo de Projeto Inteligente, parecem levar. Parece ter se tornado prática comum na filosofia fechar a porta, de antemão, para qualquer entrada que possa levar a Deus. Contudo, ao invés de se aceitar a teoria popular é preferível ficar ao lado das grandes mentes que, como Agostinho e Calvino, notaram habilmente que não só é filosoficamente plausível aceitar uma teoria dos conceitos inatos, mas que, além disso, ela se coaduna melhor com a posição teísta, quando aprova a Deus nos criar com um estoque de conceitos para que fosse possível a comunicação.

ABSTRACT

The theory of concepts is gaining more representation in contemporary analytic philosophy. Jerry Fodor advocates the much controversial theory that the concepts are innate to man. Fiona Cowie argues that innateness is a confused notion and has been defended in various ways during the history of philosophy. Critics such as Hilary Putnam believe that the nativism of concepts is absurd when confronted with the Darwinian theory of evolution, since, according to him, the two theories are incompatible and he prefers the latter. The author of this article intends to show that there are two options in addition to that presented by Putnam. Further rejecting the path taken by Putnam, he also rejects another option that attempts to reconcile the concept of nativism with the Darwinian theory. He intends to support a third option, where the concept of nativism is more plausible than the Darwinian theory and that, moreover, it is compatible with biblical theism.

KEYWORDS

Nativism of concepts; Language; Noam Chomsky; Jerry Fodor; Evolutionism; Theism.